

# A dissolução da identidade em corpos complexos: Para além do binarismo masculino/feminino<sup>1</sup>

## The dissolution of identity in complex bodies: Beyond the binarism male/female

**Ederson Luís Silveira**

Mestrando em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina

ediliteratus@gmail.com

Recebido em: 10/06/2015

Aprovado em: 26/08/2015

**RESUMO:** As identidades na pós-modernidade não podem ser mais vistas como fixas, imutáveis e homogêneas. Dessa forma, a (des)construção da identidade está associada aos cuidados e às representações do corpo a partir da subjetividade. Procuraremos analisar como ocorrem as subjetivações de gênero enquanto *locus* de indício dos processos de formação de identidades a partir da (des)identificação social. Esta pesquisa é documental pelo fato de explorarmos conteúdos (sequências discursivas extraídas de entrevistas com o cartunista Laerte Coutinho veiculadas em meios midiáticos) que ainda não passaram por tratamento analítico específico, tornando-se matéria-prima a partir das quais desenvolveremos as análises propostas. Também será bibliográfica porque serão utilizadas categorias teóricas já exploradas por outros pesquisadores e porque é imprescindível que se faça um levantamento da bibliografia referente à temática estudada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidades, Gênero social, Subjetividades.

**ABSTRACT:** Identities in Postmodernity cannot be more viewed as fixed, immutable and homogenous. In this way, the (not) construction of identity is linked to care and to the representations of the body from the subjectivity. We will analyze how the gender while established online locus of indication of identity formation processes from the (not) social identification. This research is the fact that explore documentary content (interviews broadcast in media circles) that have not yet been through specific analytic treatment, becoming matter – press from which will develop the proposed analysis. Will also be theoretical categories shall be used as bibliographic already explored by other researchers and because it is essential to do a survey of the bibliography on the topic studied.

**KEYWORDS:** Identities, Social genre, Subjectivities.

**No meio do caminho tinha...**

<sup>1</sup> Esta pesquisa conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

A linguística enquanto ciência se permitiu reformular com o passar do tempo para que pudesse possibilitar em seu interior problematizações acerca dos modos de observar o mundo e o objeto de estudo a que se debruçam os pesquisadores da área: a linguagem. Hoje alguns pesquisadores como Moita Lopes<sup>2</sup> defendem o diálogo entre áreas diversas para haja maior leque de possibilidades de observação sobre o objeto a ser estudado. Na aula inaugural do *Collège de France*, Foucault<sup>3</sup> apresenta uma visão interessante sobre a atualização de um enunciado inserido em uma conjuntura social e historicamente situada: o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.

Sendo assim, as contribuições dos estudos foucaultianos podem ter servido como aparato teórico/metodológico auxiliar de investigação para que pesquisadores pudessem debruçar sobre *corpus* nos quais dos enunciados emergissem posições de sujeito que se afirmassem como sujeitos de determinadas sexualidades. Isso não faz com que todo trabalho seja apenas mais um trabalho sobre Foucault e os estudos da sexualidade, mas que, a partir do retorno de enunciados (muitas vezes já proferidos) se possam promover deslocamentos, rupturas, abordagens e releituras. Desse modo, o presente trabalho se situa neste caminho: o de apresentar como os estudos foucaultianos podem contribuir para pensar a dissolução da identidade na contemporaneidade. É um texto a partir de alguns estudos do pensador francês que segue na direção de pensar com Foucault<sup>4</sup> tornando outros textos possíveis além dos que ele escreveu. Eis o acontecimento de sua volta a partir da provocação que aqui se busca percorrer para lançar luzes aos modos como podem ser percebidos sujeitos e sexualidades na atualidade.

Dessa forma, percebendo aqui a linguagem como espaço de interação<sup>5</sup>, a abordagem arqueológica proposta por Michel Foucault pode servir de aparato metodológico em relação

---

<sup>2</sup> MOITA LOPES, Luís Paulo da. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>4</sup> A expressão “pensar com Foucault” remete a um livro de Jean Jacques Courtine de mesmo título, para quem o uso dos conceitos foucaultianos pode ser “submetido à prova de um trabalho de análise histórica. Sua aposta é clara, para os sujeitos que somos: descobrir a parte de história no cotidiano de nossos corpos, forjar os instrumentos que permitem compreendê-la.” (COURTINE, Jean Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 09).

<sup>5</sup> KOCH, Ingedore. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004. (A escolha da justificativa deste viés acerca da linguagem será explicitada mais adiante).

a determinados arquivos (no caso em questão entrevistas entre períodos determinados previamente). E para que sejam refletidas questões que transcendam o universo do enunciado, podemos realizar gestos de interpretação no sentido de averiguar que movimentos possibilitaram que a história revelasse um terreno de rupturas em que se torna possível examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são (des)construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.

### **Sobre o corpus e a abordagem deste estudo**

Na contemporaneidade, a mídia reflete de maneira substancial sobre as atitudes e os comportamentos dos indivíduos, de maneira a engendrar determinadas identidades/subjetividades. Nas discussões sobre gênero ainda discute-se a crítica a modelos padronizadores de comportamento. Dessa forma, em uma entrevista com sujeitos cujo comportamento e dizer foge dessa padronização – já que o dizer também engendra comportamentos, veja-se o caso da corpolatria, que Courtine<sup>6</sup> descreveu em que corpos são engendrados como espaços de preenchimentos daquilo que lhes falta - podemos notar, munidos de arcabouço teórico metodológico pertinente as contradições e lugares que determinam o sujeito e que apontam para algo que lhe é exterior.

Nessa medida, em face dos objetivos e do objeto de estudo dessa pesquisa, convém enquadrá-la como sendo uma pesquisa documental pelo fato de explorarmos conteúdos (no caso, duas entrevistas veiculadas em meios midiáticos mais e menos conhecidos) que ainda não passaram por um tratamento analítico específico, isto é, são ainda matéria-prima<sup>7</sup>, a partir da qual desenvolveremos nossas análises. Trata-se também de uma pesquisa de natureza bibliográfica, uma vez que utilizamos de categorias teóricas já exploradas por outros pesquisadores e porque é imprescindível que se faça um levantamento da bibliografia referente à temática estudada<sup>8</sup>, como a coleta de informações e conhecimentos prévios acerca

---

<sup>6</sup> COURTINE, J.J. Os stakhanovistas do narcisismo. In SANTANNA, D.B. (org.) *Políticas do corpo*: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

<sup>7</sup> SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

<sup>8</sup> MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

do problema para o qual se procura resposta<sup>9</sup> que, no caso dessa pesquisa, contemplará os autores que enfocam a identidade sob o prisma dos estudos do discurso, dos estudos de gênero e dos estudos culturais, em que os estudos foucaultianos tornam-se pertinentes para contribuição da instauração de gestos de olhar para o objeto a ser observado.

Quanto aos objetivos e à abordagem da pesquisa, podemos classificá-la como uma pesquisa descritiva e interpretativa de abordagem qualitativa, em função da necessidade de descrever/interpretar, a partir dos enunciados presentes nas revistas analisadas, as movências de sentido e as redes de memória responsáveis pela/s constituição/s identitária/s do sujeito entrevistado. O *corpus* será formado por sequências discursivas extraídas de duas entrevistas de períodos distintos com o quadrinista Laerte Coutinho.

Sobre ele, podemos dizer que estudou comunicações e música na ECA-USP, porém não se formou nestes cursos. Laerte participou de várias publicações como a “Balão” e “O Pasquim”. Colaborou também com as revistas “Veja” e “Istoé” e os jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”. Criou diversos personagens, como os “Piratas do Tietê” e “Overman”. A escolha das datas se deve ao fato de que foi no ano de 2010 que Laerte revelou à Folha de São Paulo porque aderiu publicamente ao *Crossdressing* (frequentemente abreviado para "CD")<sup>10</sup> e porque, a partir daí, participou de vários programas televisivos e de mídia impressa e porque em 2012, tornou-se cofundador de uma instituição voltada a pessoas com essa nuance de gênero, a ABRAT – Associação Brasileira de Transgêneros.

Aqui cabe estabelecer as premissas que nos levam à distinção entre indivíduo e sujeito, sendo o sujeito alguém que tem existência individualizada no mundo, objeto de estudo das ciências sociais, por exemplo. Cabe ao sujeito a delimitação que nos foi apresentada por Foucault. Dessa forma, os mecanismos de objetivação e subjetivação produzem o indivíduo moderno, podemos olhar para o sujeito a partir da identificação de

---

<sup>9</sup> CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. São Paulo: Pretince Hall, 2002.

<sup>10</sup> Sobre o *crossdresser* ou CD, trata-se de uma “[...] pessoa que gosta de se vestir com roupas do sexo dito oposto ao seu sexo biológico, independentemente de sua orientação sexual e que, comumente, não realiza mudanças definitivas no corpo como o implante de próteses para os seios – eventualmente fazendo uso de hormônios – e se contentando com uma montagem restrita a algumas horas por dia/semana ou períodos mais significativos da vida” (LEITE JR, Jorge. *Nossos corpos também mudam: A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Anablume, 2011, p. 142).

um indivíduo atrelado a uma identidade que reconhece como sua. O autor estabelecia raciocínios no sentido de mostrar que não coloca o homem como ponto de partida ou centro de análise do seu pensamento e nem o concebe como uma “[...] realidade plena, o ser concreto que vive, luta, trabalha, fala, e que conquistou a natureza, subjuguou suas forças e sobre ela estabeleceu um império [...]”<sup>11</sup>. Por isso, a análise não começa pelo sujeito, mas em pensar nos processos de subjetivação que antecipam a constituição dos sujeitos<sup>12</sup>. No presente trabalho procuramos analisar elementos que permitam a aparição de enunciados outros que não os discursos heteronormativizados sobre gênero e sexualidade. Assim, procuraremos analisar como ocorrem as subjetivações de gênero enquanto *locus* de indício dos processos de formação de identidades a partir da (des)identificação social.

### **Ingressando no terreno das (des)continuidades: hibridizando estudos sobre linguagem, cultura e representações de gênero**

Sendo este um estudo que visa contribuir os estudos da linguagem, dialogando com outros estudos deste caráter, torna-se aqui necessário traçar alguns preâmbulos do que seja língua. Isso porque quando Saussure elege o objeto de estudo da linguística ele menciona que a língua é este objeto. E, antes que se possamos debruçar sobre uma definição do que seja a linguagem (e não a língua, portanto) torna-se necessário que recorramos às palavras do fundador da linguística enquanto Ciência, Ferdinand de Saussure:

Mas, o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade. E, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo e um princípio de classificação. Uma vez que nós lhe atribuímos o primeiro lugar entre os

---

<sup>11</sup> BRUNI, J. C. *O Sujeito em Foucault*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1989, p. 199-200.

<sup>12</sup> SILVEIRA, E.L. *Pensar com Foucault: história, sujeito e discurso*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 38 - 50, 2014.

fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação<sup>13</sup>

Desse modo, cabe aqui estudar a linguagem, por ser mais abrangente e por considerar as relações sociais no contexto dos estudos linguísticos. De acordo com Koch<sup>14</sup> a linguagem humana tem sido concebida de diversas maneiras, resumidas nas três a seguir:

Linguagem como espelho do mundo. Neste caso, a linguagem seria usada para representar o mundo, nomear o que nos rodeia, por exemplo.

Linguagem como lugar instrumento (meio) de comunicação. Aqui seria necessário pensar em um modelo de emissor que envia uma mensagem através de um canal por meio do qual a mensagem é veiculada para um receptor estando aí a síntese da utilização da linguagem.

Finalmente temos a linguagem como meio de interação. Situamo-nos, para a presente proposta de reflexão sob a terceira hipótese. Isso porque acreditamos que a linguagem não apenas representa o mundo como também o constrói (saussureanamente falando, o ponto de vista define o objeto). Do mesmo modo refutamos a segunda hipótese sob a pena de reduzir a língua a uma quase infinidade de óbvios (eu falo + você escuta = nos entendemos). Por que a língua é passível de múltiplas interpretações, não quer dizer que todas as interpretações são válidas nem que aquilo que eu intenciono dizer será claramente compreendido pelo outro exatamente da forma como eu intencionei significar.

Dessa forma, situamo-nos na terceira hipótese porque acreditamos nas palavras de Geraldi<sup>15</sup> quando diz que a linguagem é um jogo que se joga em sociedade, e é no interior de seu funcionamento que podemos estabelecer as regras de tal jogo. Anos de teorias e métodos que definiram o objeto de estudo aos critérios mais diversos delimitaram, cercaram, esmiuçaram hipóteses de que a linguagem não seria óbvia nem transparente.

A partir das definições de língua existentes com o passar dos anos, podemos perceber que ocorre um redirecionamento dos espaços de significação. Assim, se a língua não é apenas espelho ou representação do mundo ou apenas veículo (meio) de comunicação (porque entre

---

<sup>13</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 25.

<sup>14</sup> KOCH. *A interação pela linguagem*.

<sup>15</sup> GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto em sala de aula*. Porto Alegre: editora sulina, 2006.

as coisas que dizemos, por exemplo, e os sentidos - que são produzidos independentes de nossas vontades- existem intervalos abissais) então o significado das coisas no mundo se estabelece, de acordo com a autora mencionada anteriormente, a partir dos espaços de interação. No mesmo caminho temos as palavras de Fiorin, para quem “a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada”<sup>16</sup> Isso porque só percebemos o mundo a partir daquilo que nomeamos.

Em seguida, antes que se possa pensar em uma relação equivalente entre as palavras e as coisas, o autor menciona que signos não são etiquetas colocadas nas coisas, mas podemos perceber a língua não como nomenclatura, mas formas de “categorizar, organizar e interpretar o mundo” (idem).

No âmbito dos processos de categorização e organização do mundo estão, portanto nossos “conceitos” de mundo, nossas impressões e a língua possibilita não apenas a comunicação entre os homens, mas a (re)significação da realidade á nossa volta. A despeito disso, não somos tão autônomos no uso da língua e alguns sentidos já estavam cristalizados antes mesmo de nascermos. Dessa forma, trata-se de perceber no uso da língua o fato de que o homem está, nas palavras de Max Weber, retomado por Clifford Geertz<sup>17</sup>, preso a uma teia de significações que ele mesmo teceu.

Levando em consideração a presença de Laerte Coutinho e sua inscrição discursiva e corporal nos terrenos do *crossdressing*, se torna pertinente, no presente trabalho que buscamos traçar, uma pergunta realizada por Foucault no prefácio da história de Herculine Barbin, em 1982, intitulado “O verdadeiro sexo”<sup>18</sup>. Em um texto intitulado “O Ocidente e a verdade do sexo” escrito para a revista *Le monde* em 1976 e em uma nova introdução à obra *A vontade de saber*, em 1977, intitulada “Sexualidade e verdade”<sup>19</sup>, bem como, também em janeiro de 1977 em uma entrevista para a revista *La Quinzaine Littéraire*, intitulada “As relações

---

<sup>16</sup> FIORIN, J.L. Teoria dos Signos. In: FIORIN, J.L. (org.) *Introdução à Linguística I - Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 54.

<sup>17</sup> GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978, p. 13-41.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In: FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: Diário de um hermafrodita*. Tradução Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 1-9.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. Sexualidade e verdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 11-12.

de poder passam para o interior dos corpos”<sup>20</sup>. Os textos mencionados, dos anos de 1976 e 1977 foram publicados em 2014 na IX edição dos *Ditos & Escritos* de Michel Foucault, organizado por Manoel Barros da Motta e que traz como subtítulo “Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade”. Neste contexto, é o tema das relações entre sexo e verdade<sup>21</sup> que o presente trabalho busca abordar. Portanto, voltemos à afirmação que aparece no prefácio do diário de Herculine Barbin e que serve de inspiração para a presente pesquisa, cujas palavras são as seguintes:

Precisamos *verdadeiramente* de um *verdadeiro* sexo? Com uma constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do Ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta. Situavam obstinadamente essa questão do “verdadeiro sexo” numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contam a realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres<sup>22</sup>.

Em seguida, Foucault<sup>23</sup> vai mencionar que essa compulsão em atribuir o verdadeiro sexo por muito tempo não existiu. A partir da história da medicina e da justiça em relação à questão dos hermafroditas, o pensador menciona que levou anos até que se lhes fosse estipulado como exigência o dever de estes terem designados para si um único e verdadeiro sexo já que, durante muito tempo, admitia-se que o hermafrodita tivesse dois sexos. Para além da crônica de vida de Herculine Barbin, o presente estudo pretende refletir acerca dos gêneros na atualidade.

O que mais me surpreendeu no relato de Herculine Barbin foi que, no seu caso, não existe verdadeiro sexo. O conceito de pertença de todo indivíduo a um sexo determinado foi formulado pelos médicos e pelos juristas somente no século XVIII, mais ou menos. [...] Na civilização moderna, exige-se uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico, o sexo social: esses sexos devem coincidir e nos colocam

---

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. “As Relações de Poder Passam para o Interior dos Corpos”. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 35-43.

<sup>21</sup> Neste contexto, o problema parece ser, para Foucault “interrogar os jogos de verdade – isto é, as relações por meio das quais o ser humano se constitui historicamente como experiência – que permitem ao homem pensar-se quando se identifica como louco, como doente, como desviado, como trabalhador, como quem vive ou quem fala, ou ainda como homem de desejo. É por essa razão que o filósofo define seu trabalho, no final de sua vida e de maneira retrospectiva como uma ‘história da verdade’” (REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 87)

<sup>22</sup> FOUCAULT. O verdadeiro sexo, p. 01.

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_. O verdadeiro sexo, p. 01-09.



em uma das duas colunas da sociedade. Antes do século XVIII, havia, no entanto, uma margem de mobilidade bastante grande<sup>24</sup>.

Cabe, neste sentido, que sejam destacadas algumas hipóteses principais norteadoras do presente trabalho: a sexualidade também é construída discursivamente e as discussões foucaultianas podem contribuir para pensarmos sobre as relações entre o sexo e a verdade no Ocidente, dizendo respeito à construção toda e qualquer sexualidade e não apenas das sexualidades desviantes, anormais e subversivas, mas também tratam da(s) heterossexualidade(s) (re)produzida(s) através da história; e, toda vez que um sujeito fala de si, há um exterior constituinte que se mostra e se oculta através da voz desse sujeito que extrapola a noção de um sujeito fundante, centrado em si e consciente, conforme postulado por diversas correntes teóricas filosóficas, principalmente a partir de Descartes.

De acordo com Geertz<sup>25</sup> não seria necessário para entender as relações que se estabelecem entre o homem e sua cultura a busca por leis como proposto pelas ciências experimentais, mas uma ciência interpretativa à procura do significado. Dessa forma, propomos aqui uma discussão sobre a questão da dissolução da identidade, expressão encontrada em uma entrevista<sup>26</sup> da professora doutora Margareth Rago, do Departamento de História da Unicamp, para a revista do Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, localizada na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul (UNISINOS). Propusemos aqui que se trabalhe em zonas de diálogo *indisciplinarmente*, como propõe Moita Lopes<sup>27</sup> para que se estabeleçam estudos mestiços, atentos aos interesses a que servem os conhecimentos produzidos entre os estudos do pensamento foucaultiano (principalmente aqueles contribuíram para os estudos do discurso a suas relações com a história e a linguagem), os estudos culturais e os estudos de gênero.

Não é que se torne mais fácil, mas propor abordagens diferentes que contribuam neste olhar para a língua pode permitir direcionar-se para contextos diferentes, por causa da

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. O misterioso hermafrodita. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 86.

<sup>25</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*, p. 13-41.

<sup>26</sup> RAGO, Margareth. Entrevista (por Márcia Junges). O natural não é ser homem ou mulher. A dissolução da identidade. *Revista IHU* São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos n. 335, ano X, jul. /2010. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3340&secao=335](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3340&secao=335) acessado em agosto de 2014.

<sup>27</sup> MOITA LOPES. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*.

abordagem trans/inter/indisciplinar. Não é uma nova escola de estudos da linguagem, mas é preciso que se perceba que o pensamento é constituído de diversas rupturas e intersecções, e raramente os pesquisadores pensam homogeneamente. Por isso torna-se necessário, nas palavras do autor<sup>28</sup> que se perceba que todo conhecimento é político e vem de algum lugar. É preciso politizar o ato de pesquisar pensando alternativas para a vida social como parte intrínseca dos modos de teorizar terreno dos estudos da linguagem.

Sobre a dissolução da identidade, podemos revelar que os comportamentos ligados à sexualidade são históricos. Dessa forma, Foucault promove a desconstrução da imagem do corpo reduzido e essencializado a partir de um binarismo incontornável<sup>29</sup>, Porém as representações de gênero e sexualidade oriundas deste binarismo masculino/feminino fazem com que qualquer sexualidade desviante da norma heterossexual seja vista como desvio e até mesmo passível de cura em alguns casos. Os transgêneros rompem de certo modo a dualidade baseada apenas no sexo biológico, pois muitas vezes quebram a imagem do gênero ligado à genitália, já que a aparência do exterior de seu corpo não está necessariamente ligada ao sexo biológico. Para a historiadora Margareth Rago na entrevista mencionada anteriormente, o pensamento de Foucault pode nos ajudar a compreender as pessoas sem catalogá-las através de “etiquetas sexuais”. Afinal de contas, não se nasce homem ou mulher.

Vale ressaltar que os discursos sobre a homossexualidade possuem um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua realização<sup>30</sup>. Dessa forma, entendem-se aqui as práticas discursivas como saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer verdades que pretendem responder às demandas sociais, políticas ou morais. Vale lembrar também que até a segunda metade do século XIX o termo “homossexualidade” não existia, sendo cunhado por Karl-Maria Kertbeny com o objetivo de denunciar as injustiças da lei antissodomia prussiana. Contudo, o conceito logo foi apropriado pela sexologia para designar uma perversão sexual e uma personalidade anormal. Como bem

---

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*.

<sup>29</sup> SWAIN, Tânia Navarro. Para além do binário: os *queers* e o heterogênero. *Gênero*. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, vol. 2, no 1, Niterói, UFF, 2. sem, 2001, p.93-94.

<sup>30</sup> GIACOMONI, Marcello Paniz, VARGAS, Anderson Walewski. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Rev. Online Veredas**. Juiz de Fora, 2010, p. 119-129. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf> acessado em 22 abr. 2014.

apontou Foucault<sup>31</sup>, é somente nesse século que práticas sexuais passam a designar “espécies” de humanos, transformando-se em categorias identitárias. Em outras palavras, o que antes eram atos moralmente condenáveis, mas que podiam ser realizados por quaisquer pessoas, a partir de então, passam a designar personalidades específicas.

Contrariando a chamada “hipótese repressiva”, segundo a qual a moral burguesa vitoriana teria reduzido a sexualidade ao silêncio, colocando-a sob o julgo da função reprodutora e restringindo-a, assim, ao quarto dos pais, Foucault defende que vivemos, ao menos desde o século XVII, numa sociedade que “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar”<sup>32</sup>.

Sendo assim, a sexualidade não foi reprimida pelo capitalismo, depois de ter vivido em liberdade. O filósofo desconfia desse alegado silêncio e, desconstruindo tal hipótese, afirma que o sexo foi, na verdade, colocado em discurso: temos vivido mergulhados em variados discursos sobre a sexualidade, pronunciados pelas mais diferentes instituições sociais (Igreja, Psiquiatria, Sexologia, Direito, entre outros).

A partir dessa constatação, Foucault empenha-se em descrever esses discursos e seus efeitos, investigando não apenas como, através deles, se produziram e se multiplicaram as classificações sobre as espécies ou tipos de sexualidade, mas também como ampliaram os modos de vigiá-las, controlá-las e puni-las. A sexualidade encontra-se, portanto, sujeita ao discurso de uma pedagogia cultural que se encarrega de “reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais, conectados com o tipo de sociedade na qual os indivíduos estão inseridos”<sup>33</sup>.

No século XIX, com o surgimento dos conceitos “homossexual” e “homossexualidade”, como já elucidado acima, as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo (que sempre existiram em todas as sociedades) passam a receber uma nova conotação. Não serão mais compreendidas, como eram até então, como um acidente, um

---

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal. 11ª ed, 1993.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I*, p. 14.

<sup>33</sup> MENEZES, Marcelo Lima de. *Educando para diversidade: uma questão de direitos*. Sergipe: J. Andrade, 2012, p. 12.

pecado eventual, um erro ou uma falta moral a que qualquer um poderia incorrer, pelo menos em potência. Tais práticas, a partir de então, passam a ser lidas de um modo bem distinto. Entende-se que elas revelam uma *verdade oculta do sujeito* (sic). Desse modo, o homossexual não é mais um sujeito qualquer que caiu em um pecado e/ou em um delito, ele se constituía num sujeito de outra *espécie*. Em relação a ele, agora, para Louro, “haveria que inventar e pôr em execução toda uma sequência de ações: punitivas ou recuperadoras, de reclusão ou de regeneração, de ordem jurídica, religiosa ou educativa”<sup>34</sup>.

Desse modo, se a análise da língua busca averiguar segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras pode ocorrer a formação de outros enunciados, a análise do acontecimento discursivo apresenta outra questão: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”<sup>35</sup>. Neste contexto, os enunciados passam a ser considerados a partir de onde emergem e o que afirmam ou negam, segundo que leis são formados e que acontecimentos existem sobre o pano de fundo em que eles têm existência e são (re)produzidos. Trata-se não de analisar estruturas formais ou leis de construção dos enunciados, mas o instante de sua existência e as regras de seu aparecimento, a fim de descrever não uma “configuração ou uma forma, mas um conjunto de regras que são imanentes a uma prática discursiva e definem sua especificidade”<sup>36</sup>.

A oposição entre o verdadeiro e falso aparece em Foucault na *Ordem do discurso*<sup>37</sup> como algo que constitui um sistema histórico, modificável e institucionalmente coercitivo. Assim, para Castro, nos deparamos “com diferentes distribuições dos limites entre o verdadeiro e o falso ou, segunda sua própria expressão, com diferentes morfologias da vontade de verdade. A verdade tem, então, sua própria história”<sup>38</sup>. Assim, com as reflexões sobre o poder (na discussão em que a produção de discursos é controlada, selecionada, organizada e distribuída, está inserida indiretamente a questão do poder enquanto feixe de relações) está a centralidade das problematizações acerca dos saberes. Isso se deve ao fato de que a partir da noção de

---

<sup>34</sup> LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 88.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012, p. 33.

<sup>36</sup> \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*, p. 30.

<sup>37</sup> FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

<sup>38</sup> CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 81.

acontecimento, temos todo um escalonamento de tipos de acontecimentos distintos entre si que não gozam da mesma amplitude de alcance, nem a mesma capacidade de produzir efeitos.

Foucault<sup>39</sup> no primeiro volume da *História da Sexualidade* nos mostrou que tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade não passam de conceitos forjados no século XIX pela medicina visando patologizar sexualidades que não estariam ligadas à reprodução. O que aqui está em jogo é que mesmo que haja a inadequação, o desajuste destes corpos “que não se encaixam”, as normas regulatórias de gênero não incidem as malhas do poder perpassando apenas estes corpos, mas em todos os corpos independente de estarem “de acordo” com as normas regulatórias de gênero social e culturalmente (re)produzidas. Neste contexto, vale reiterar, o sexo também é construído discursivamente.

Ainda em relação à Foucault, podemos dizer que atravessará nosso presente estudo as postulações de Foucault sobre a história enquanto espaço de descontinuidade (em que se ataca o modo positivista de perceber a História enquanto acontecimento linear reconstruído a partir de um início em formato de progressão até o presente, como se isso ocorresse sem conflitos e entraves), a questão do arquivo (análise das coisas ditas a partir de método arqueológico) e das relações de poder que se estabelecem em rede e nunca em um ou lugares específicos, sendo que o poder está em toda parte, constituindo as relações humanas. Sendo assim, ele trabalhou com temas como saber, poder, discurso, verdade, sujeito, normatização e disciplinarização da sociedade, cuidado de si, enunciado, formação discursiva, História, entre outros. De acordo com Mesquita:

[...] não é objetivo de Foucault apresentar uma visão geral e sistemática da sociedade e da história. Ao contrário, ele almeja traçar um diagnóstico de nosso presente. Talvez por isso suas contribuições atingiram (e atingem) grande parte das ciências sociais e suas ideias ainda intrigam os estudiosos de sua obra, pois ele não fornece receitas nem uma teoria da totalidade social. Ao contrário, deixa aberto o campo das indagações sobre a sociedade, a história, o sujeito e o poder e mostra que a verdade não está posta, não é algo que alcançamos apenas porque sabemos que ela está ali, definida, à espera de ser lograda pelos que acreditam nela. Para ele, a

---

<sup>39</sup> FOUCAULT. *História da sexualidade Vol. I.*

verdade é produzida por discursos que carregam poder e saber, ela não está fora do poder e nem é possível sem ele<sup>40</sup>.

Nosso foco principal parte da análise, portanto, de enunciados e de efeitos produzidos nos sujeitos, utilizando-se para isso, de estudos foucaultianos para perceber as movências de sentido a partir de questionamentos sobre como e porque surgiu este enunciado e não outro em seu lugar? Objetivamos aqui trazer, dessa forma, as contribuições foucaultianas para análise do discurso da/sobre a sexualidade, revelando-a enquanto prática e acontecimento que produz relações de saber, poder e práticas sociais nos tempos em que vivemos.

Também situaremos as contribuições dos estudos de gênero para que possam dialogar com as contribuições foucaultianas apresentadas como luz sobre os excertos apresentados. Sobre os estudos de gênero, podemos afirmar que o contexto atual das discussões de gênero e sexualidade pode ser compreendido a partir de mudanças sociais e teóricas, mudanças estas possibilitadas pelos movimentos de contestação da “normalidade” (como os movimentos feministas, movimentos gays, de lésbicas, travestis, transexuais e a favor de crianças e adolescentes além dos movimentos étnico-raciais). As representações que estas “minorias” ocupam são resultantes da visibilidade criada a partir de suas reivindicações e conquistas e continuamente (des)formam o imaginário social sobre as classes que representam.

### **O homem preso a uma teia de significados que ele mesmo teceu**

As relações de poder desiguais e padrões de normalidade hegemônicos estabelecem identidades consideradas “normais”, autorizadas e permitidas. Na busca pela desconstrução de discursivizações que engendram comportamentos sociais e operam na disciplinarização dos corpos, busca-se cada vez mais estabelecer políticas de identidade<sup>41</sup> a fim de que sejam percebidas as identidades que se estabelecem fora dos padrões e mesmo contra a padronização de gestos e modos de perceber o outro.

---

<sup>40</sup> MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Breves incursões sobre os influxos de Michel Foucault na episteme da análise do discurso. In: *Revista Interdisciplinar*. Teresina: Centro Universitário UNINOVAFAPI. Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação. V. 6, n 6 – p. 57-71 jul/dez 2008, p. 59.

<sup>41</sup> FURLANI, Jimena. Políticas identitárias na educação sexual. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (orgs). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Dessa forma, as relações entre língua e identidade ocorrem na medida em que a língua não é apenas representação de um mundo dado *a priori*, mas o contínuo restabelecimento de sentidos e significados que surgem de acordo com as necessidades de (des)construção identitária. Quando digo “eu sou”, o enunciado traz em si uma série de oposições. Como bem antecipou Saussure<sup>42</sup>, a língua não é senão um conjunto de diferenças e adiante reitera que um signo é o que os outros não são.

No âmbito dos estudos culturais, Silva<sup>43</sup> afirma algo semelhante em relação à noção de (des)construção de identidades: ao afirmar algo, estamos necessariamente negando o oposto. Desse modo, a construção da identidade implica afirmação e diferença. Desse modo, só podemos afirmar o que somos em oposição ao que não somos pois, conforme Silva<sup>44</sup>, em um mundo imaginário totalmente homogêneo, em que as pessoas partilhassem a mesma identidade, não fariam sentido as afirmações de identidade.

Os estudos que tematizam a questão da identidade intensificaram-se de maneira vertiginosa nos últimos anos sob os mais diferentes enfoques e em diversas áreas do conhecimento. Em consonância com a necessidade de compreender como o sujeito (des)constrói identidades para si e a relação que estabelece com a alteridade que o constitui esses estudos procuram investigar também de que maneira determinados dispositivos contemporâneos, como a *internet*, acabam por gerenciar/engendrar as identidades, reatualizando enunciados, mobilizando redes de memória e provocando determinados movimentos de sentido.

Entre a identidade e a subjetividade estão os modos de subjetivação do sujeito. Nesse sentido, podemos perceber que o termo “gênero” é utilizado para referir-se a um sistema de signos e símbolos que apontam para relações de poder e hierarquia entre os sexos. Pode referir-se aos modos de expressão no interior do mesmo sexo. Para Schienbinger “[...] ideologias de gênero prescrevem características e comportamentos aceitáveis para homens e

---

<sup>42</sup> SAUSSURE. *Curso de Linguística Geral*.

<sup>43</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

<sup>44</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

mulheres. [...] A identidade de gênero denota como um homem ou mulher individualmente apropriada aspectos de ideologias de gênero como parte de seu senso de eu”<sup>45</sup>.

Para Judith Revel<sup>46</sup>, em Foucault há uma crítica muito espantosa das identidades: porque jamais se é qualquer coisa, porque não se é apenas um objeto no discurso, as práticas e as estratégias de poder, mas uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria, de variar em relação consigo mesma. O pensamento foucaultiano torna-se, portanto, passível de diálogo com os estudos que aqui propusemos, sobretudo no que concerne aos estudos sobre identidade na pós-modernidade.

Então temos no escopo teórico do presente estudo, através da dissolução da identidade, o conceito de “liquidez” que está proposto a partir de Bauman<sup>47</sup>, para quem a pós-modernidade têm essa característica de esvaír-se entre os dedos, de diluir-se em questionamentos e de ressignificar novos aprofundamentos. Aliada aos estudos da pós-modernidade temos o pensamento sobre complexidade oriundo dos estudos de Edgar Morin<sup>48</sup>, para quem, torna-se necessária a percepção de um pensamento complexo, que permita ramificações e intersecções, que permita a contínua reformulação de si e a problematização dos sistemas que o fazem constituir-se como efeito de verdade. Também a complexidade aponta para um elemento norteador destes estudos: Toda e qualquer informação tem apenas um sentido em relação a um contexto em que se situa/é situada. É preciso ligar as coisas que parecem separadas no mundo teórico. Por isso áreas que não apenas a linguística podem auxiliar para observar os usos (e efeitos) da linguagem. Bauman e Morin, ainda que não presentes nas análises realizadas, portanto, estão inseridos, ainda que indiretamente, nos modos de perceber a identidade enquanto conceito multifacetado e que só existe em relação a outros elementos.

---

<sup>45</sup> SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: editora EDUSC, 2001, p. 46.

<sup>46</sup> REVEL, Judith. Uma subjetividade que jamais cessa de inventar a si própria. *Revista IHU São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos*. n. 203, ano VI, 2006. Disponível em [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=553&secao=203](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=553&secao=203) acessado em outubro de 2014.

<sup>47</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

<sup>48</sup> MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução do francês: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.



A complexidade pode servir de característica dos corpos na pós-modernidade, isso se pensarmos nos corpos enquanto lugar social de circulação de discursos e de apreensão/repreensão das redes que (de)formam subjetividades (para Bakhtin, “um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete uma realidade e refrata outra”<sup>49</sup>). Se as identidades nos estudos pós-modernos sob a égide dos estudos culturais trazem esta característica de serem plurais, híbridas e mutáveis, os dois termos revelam novas formas de subjetivação que vão se ligando (e/ou apagando, escondendo) antigas e reformulando-as a partir das práticas sociais de linguagem.

Assim como se postulou em séculos anteriores que a verdade não era universal, imutável pura e atemporal, assim aqui pretendemos estudar como os corpos e a (des)construção das identidades a partir das práticas de subjetivação e discursivização dos enunciados no seio social. Não buscar a verdade, conforme alertou Foucault, mas buscar as circunstâncias que tornaram possíveis tais formas de subjetivações. Como as identidades são vistas como múltiplas e descontínuas, as “normalizações” e mesmo as novas práticas de subjetivação tornam-se “verdades” ou até mesmo possibilidades. Aqui pretendemos identificar de que maneira isso ocorre e que efeitos isso pode produzir nos sujeitos e corpos que pretendemos analisar munidos do arcabouço teórico foucaultiano bem como de estudiosos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero que por vezes podem emergir no presente estudo.

### **No terreno dos gestos de interpretação: os estudos de gênero na atualidade**

As duas entrevistas aqui utilizadas para que possamos tecer gestos de interpretação são as seguintes: Uma entrevista de Laerte Coutinho no programa “Gabi (quase) proibida”<sup>50</sup> do SBT e uma matéria veiculada em um blog de repercussão na internet (até o momento em que extraí a matéria para análise, havia 3717 curtidas no *facebook* da página do blog) intitulado “Status”<sup>51</sup>, cuja entrevista intitula-se “Laerte Coutinho” e cujo subtítulo chama-se “Um dos

---

<sup>49</sup> BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª edição. São Paulo: Huicitec, 1986, p. 32.

<sup>50</sup> DE FRENTE COM GABI 12/02/12 - *Laerte Coutinho* – COMPLETO. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM&hd=1> Acessado em julho de 2014.

<sup>51</sup> STATUS. *Laerte Coutinho*: um dos cartunistas mais famosos do Brasil, ele virou travesti quase aos 60 anos de idade, ainda namora uma mulher e briga para ter o direito de usar o banheiro feminino. Disponível em: <http://www.revistastatus.com.br/tag/laerte-coutinho/> acessado em julho de 2014.

cartunistas mais famosos do Brasil, ele virou travesti quase aos 60 anos de idade, ainda namora uma mulher e briga para ter o direito de usar o banheiro feminino”.

Para Grossi<sup>52</sup>, o conceito de gênero aparece arraigado com o conceito de sexualidade, fato este que faz com que haja dificuldades no senso comum de separar questões referentes à identidade de gênero de questões ligadas à sexualidade, sendo a segunda marcada pela escolha do objeto de desejo. Aqui se tornam necessárias as palavras da autora para quem

Considero que devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução. Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como *sexo* e *gênero*, *identidade de gênero* e *sexualidade* são tomadas muito seguidamente como equivalentes entre si. De uma forma simplificada, diria que *sexo* é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que *gênero* é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sociais); que *identidade de gênero* é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que *sexualidade* é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos<sup>53</sup>.

Esclarecendo estes conceitos situados acima a partir da voz de uma antropóloga com experiência nos estudos de gênero, somamos à voz dela as teorias que postulam a questão da dissolução da identidade, em consonância aos estudos que se voltem para perspectivas que caracterizem os seres humanos enquanto sujeitos de identidades transitórias e contingentes.

De acordo com Louro “[...] isso se aplicaria também as identidades sexuais e de gênero. Se assumirmos esta perspectiva, teremos que admitir que também as identidades de gênero e sexuais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural”<sup>54</sup>. Na ótica que assumimos no presente estudo, trata-se de perceber a identidade como passível de ser (des)construída no âmbito da cultura e da história. Sobre isso, a psicóloga Márcia Arán<sup>55</sup>,

---

<sup>52</sup> GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. In: Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18, 1998 [Versão revisada – 2010].

<sup>53</sup> \_\_\_\_\_. Identidade de Gênero e Sexualidade, p.16.

<sup>54</sup> LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, escrever, pesquisar... In: *Educação, Sociedade & Cultura*, nº 25, p. 235-245, 2007, p. 240.

<sup>55</sup> ARÁN, Márcia. A Psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), v. 17, p. 653-673, 2009.

professora do instituto de Medicina Social da UERJ, pronuncia não sem produzir efeitos polemizadores, que ainda faz sentido falar de sexo masculino e feminino porque são normas de gênero fortemente incorporadas.

Apresentadas estas reflexões sobre os estudos dos gêneros, vamos então verificar de que modo os estudos de gênero e as postulações sobre as identidades a partir dos estudos culturais (que a consideram fluída, passível de desconstrução e em movimento de contínuas mudanças) podem ser percebidas a partir da fala do cartunista Laerte nas entrevistas com excertos em que serão lançadas luzes a partir da teoria dos gêneros. Posteriormente, apresentaremos as contribuições de Foucault para análise do discurso da sexualidade e como elas podem servir de embasamento teórico para o presente estudo.

### **Lançando luzes sobre o corpus**

A entrevista com Marília Gabriela foi transmitida no dia 12 de fevereiro de 2012. O número de vezes que encontramos referências à entrevista em sites da internet é expressivo e aumenta a cada dia. Sobre a entrevista para o blog “Status” justificamos anteriormente a escolha devido à repercussão do site na internet (equivalente ao número de curtidas-ultrapassa 3mil). Ambos, portanto, inicialmente transmitidos e anunciados em mídias diferentes-TV e internet-, cuja primeira entrevista também foi veiculada através do youtube após a exibição televisiva.

Considerando o amplo alcance da internet nos dias atuais, valemo-nos deste argumento para avaliar a (des)construção de sujeitos e discursos que apontam para as (in)definições de gênero (re)produzidas nos contextos mencionados. Vale destacar ainda que a identidade de gênero do sujeito Laerte Coutinho encontra-se em trânsito contínuo entre masculinidades e feminilidades, na posição de um gênero híbrido (adepto do *crossdressing*, como ele mesmo revela em ambas as entrevistas mencionadas) já que falar em identidade de gênero, conforme já mencionamos antes, implica em levar em consideração o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada. Este lugar pode estar refletido no modo como o sujeito engendra para si comportamentos ligados socialmente a papéis sociais como vestuário.

**SD1: Laerte-** “Não tem dia que eu saio de mulher – eu saio “todos” os dias vestido assim. Não vou colocar roupa masculina nunca mais, já doei todas as peças”<sup>56</sup>.

**SD2: Laerte -** “Eu me lembro de ter experimentado saiotos e querer me maquiar. Mas também não deixei de jogar bola e ser um menino normal”<sup>57</sup>.

Quando em 1982, Foucault, ao escrever o prefácio para o diário de Herculine Barbin, mencionou que essa compulsão cultural em atribuir o “verdadeiro sexo” não existiu durante muito tempo e aos hermafroditas não estava estipulada a exigência de designação de um único sexo, pois simplesmente admitia-se que eles tinham dois. Então, médicos e juristas instituíram este “pertencimento” a um único sexo no século XVIII, mais ou menos, nas palavras do pensador francês. Antes do século XVIII havia uma margem de mobilidade muito grande, conforme ele. “Na civilização moderna, exige-se uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico, o sexo social: esses sexos devem coincidir e nos colocam em uma das duas colunas da sociedade”<sup>58</sup>.

Quando, nas sequências discursivas acima, Laerte ao enunciar apresenta modos de subjetivação que destoam das normas regulatórias entre sexo biológico e papéis sociais estabelecidos culturalmente (corpo biológico de homem e vestes culturalmente associadas no Ocidente ao feminino, por exemplo) o que pode ser percebido, no estranhamento que causam travestis, *crossdressers*, transexuais etc. é a obsessão em atribuir-lhes um “verdadeiro sexo”. A utilização do quesito de normalidade associado aos estereótipos sociais de gênero (menino joga futebol, menina brinca de boneca) entra em contradição com o ato de experimentar saiotos e se maquiar. Dessa forma, no limite entre fronteiras, a identidade vai sendo discursivamente construída através do sujeito que aparece como sujeito de determinada sexualidade incompatível com padrões de gênero culturalmente estabelecidos.

Desse modo, a partir das sequências discursivas acima, podemos perceber que as noções de sexo e gênero não estão dispostas em valor de “equidade” (papéis sexuais que “coincidam” com o sexo biológico) em consonância com atitudes definidas para homens ou

---

<sup>56</sup> STATUS. *Laerte Coutinho*: um dos cartunistas mais famosos do Brasil, ele virou travesti quase aos 60 anos de idade, ainda namora uma mulher e briga para ter o direito de usar o banheiro feminino. Disponível em: <http://www.revistastatus.com.br/tag/laerte-coutinho/> acessado em julho de 2014.

<sup>57</sup> DE FRENTE COM GABI 12/02/12 - *Laerte Coutinho* – COMPLETO. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM&hd=1> Acessado em julho de 2014.

<sup>58</sup> FOUCAULT. O misterioso hermafrodita, p. 86.

mulheres. Se levarmos em consideração o binarismo masculino/feminino podemos dizer que há identidades e subjetivações que o ultrapassam e hibridizam características “esperadas” para determinado gênero e naturalizadas no âmbito social.

Aqui que entra a afirmação da psicóloga Márcia Arán<sup>59</sup> para quem ainda faz sentido falar de sexo masculino e feminino por seres normas de gênero fortemente incorporadas na sociedade. Ou seja, para a autora ainda questões de gênero e de sexualidade são pensadas a partir do binômio masculino/feminino. Apesar disso, ela afirma, existe a possibilidade de uma diversidade de modos de construção de gênero, apontando como desafio a despatologização da transexualidade. Elementos como estes se apresentam frequentemente a partir de enunciados proferidos em diversas instâncias de interação social no cotidiano de qualquer cidade. Se a identidade é diferença e também passível de mudança, ela é construída discursivamente porque ao enunciar, os sujeitos falam sobre si e escapam de si. Isso porque tomado a partir do escopo que aqui consideramos o discurso não é o que é dito, mas um exterior constituinte, que precisa da língua para se materializar. Dessa forma, a todo o momento em que enunciados são proferidos, uma rede de outros enunciados vai se filiando a eles, sem que o enunciadador tenha controle dos efeitos daquilo que pronuncia porque sujeitos e discursos estão inseridos na história e, se percebermos a história no terreno das descontinuidades, as identidades só podem ser múltiplas, heteróclitas e repletas de nuances.

Ainda segundo Márcia Arán, torna-se necessário pensar que as experiências trans ajudam a pensar as identidades como não fixas e imóveis, não sendo nem uma substância no sentido biológico do texto, nem mesmo posições relacionadas à sexualidade permanentemente estabilizadas. Sobre as experiências trans, a autora menciona que no Brasil estas são definidas como transexualidades, travestilidades, *crossdressing* e uma minoria que se autodenomina como transgênero. A autodenominação de sujeitos como sujeitos de determinada sexualidade traz a tona o que Foucault intitulou “colocar o sexo em discurso”. As representações de si sobre si e sobre o outro perpassam os domínios da identidade e, assim, a tornam muito mais complexa do que definir que o que é se estabelece em oposição ao que não se é, pois isso reduziria o estudo das identidades ao terreno dos binarismos e

---

<sup>59</sup> ARÁN. *A Psicanálise e o dispositivo diferença sexual*, p. 653-673.

opostos, o que cairia no risco de apresentar opostos como blocos monolíticos homogêneos nada mais contrário ao que pressupõem os Estudos Culturais.

No âmbito dos Estudos Culturais, a identidade “[...] visto como objeto de cultura, [...] não tem este sentido de único, idêntico, igual e permanente”<sup>60</sup>. Por isso, a “normalidade” de um menino que joga futebol como qualquer menino é percebida no mesmo tempo de acontecimento histórico que de um menino que usa maquiagem (o que subverte a “normalidade” de gênero esperada culturalmente deste menino). Interessante é destacar que não é situada em períodos distintos (primeiro menino fazia isso depois aquilo) que a construção da identidade é revelada através da fala, mas concomitantemente. A expressão “como um menino normal” corrobora a afirmação da psicóloga Márcia Arán, pois, torna-se exemplo de como feminino e masculino são tomadas comumente como categorias de gênero no senso comum frequentemente associadas a papéis de gênero e mesmo de discrepâncias entre identidade de gênero e sexualidade<sup>61</sup>.

O binarismo de gênero intenta naturalizar questões que são da ordem do cultural, sendo, portanto, mutáveis. Gênero como categoria de análise histórica ajuda a perceber o quanto, em diferentes culturas e em diferentes momentos históricos, as formas de se lidar com a sexualidade e com as diferenças biológicas se deram de maneira singular<sup>62</sup>.

Para a historiadora Joan W. Scott<sup>63</sup>, até recentemente, no senso comum se explicava (algumas vezes ainda isso predomina) os comportamentos como sendo relacionados às diferenças biológicas entre os corpos (menino “normal” joga futebol, se quisermos retomar um excerto de uma das sequências discursivas anteriores). No âmbito dos Estudos Feministas, o conceito de gênero passou a ser utilizado para pensar como são construídas socialmente as diferenças entre homens e mulheres problematizando essa origem biológica e essencialista que naturalizava comportamentos “aceitáveis” de acordo com padrões de

---

<sup>60</sup> SILVEIRA, Ederson Luís. O discurso e as (des)identificações: reflexões acerca do feminismo e das vozes de resistência na atualidade. *Rascunhos Culturais*, Coxim, MS, v. 03, n. 06, p. 143-163, jul./dez. 2012, p. 145.

<sup>61</sup> Recomenda-se a leitura de um artigo de Miriam Pillar Grossi para saber mais sobre o conceito de gênero: GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira mão*. Florianópolis, p. 1-18, 1998. Disponível em: [http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf) acessado em dezembro de 2014.

<sup>62</sup> LONGUINI, Geni Nuñez. O conceito de gênero. In: GROSSI, M. P.; SALA, A.; NOVO, L. C.; KREMER, N. S.; NUNEZ, G.; CORDEIRO, B.. *Materiais de Apoio ao Trabalho sobre Sexualidades em Sala de Aula*. Florianópolis: NIGS/UFSC, 2014, p. 05.

<sup>63</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 02, jul./ dez/ 1995.

gênero. Então, pensar apenas em termos de feminino ou masculino se torna insuficiente principalmente quando estes conceitos apresentam-se mesclados em identidades culturais situadas a partir da existência de sujeitos que estiverem “de acordo” com as normas regulatórias ou em desacordo com ela. Neste sentido, a dissolução da identidade<sup>64</sup> pode ser percebida a partir da atitude em relação às roupas de Laerte. Sobre elas, o cartunista menciona em dois momentos que podem ser destacados na entrevista com Marília Gabriela<sup>65</sup> que:

**SD3: Laerte-** “Neste momento não estou usando peças masculinas, só tenho algumas camisetas básicas”.

**SD4: Laerte -** “Me sinto muito intenso dentro da transgeneralidade e sinto que não é uma coisa fugaz, não é uma moda”.

Podemos perceber, a partir destas sequências, discursos que atravessam o dito no instante da enunciação. O modo como a transgeneralidade é percebida pelo sujeito em situação de desnortivização da experiência esperada em relação ao seu sexo biológico aponta para os movimentos de (des)identificação que o constituem enquanto sujeito de seu enunciado e para o contexto social em que a transgenericidade muitas vezes é percebida como patologia<sup>66</sup>. Para a psicanálise, o sujeito não pode ser tomado pelo que diz, mas no que diz. Assim, o dialogismo bakhtiniano vem ao encontro da afirmação de que todo discurso se mostra constitutivamente atravessado por outros discursos<sup>67</sup>. Dessa forma, sujeito, discurso e sexualidade podem ser percebidos a partir de Foucault:

Nós dizemos a sua verdade [a verdade do sexo], decifrando o que dela ele nos diz; e ele nos diz a nossa, liberando o que estava oculto. Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito. Saber não tanto sobre sua forma, porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e, sobretudo o faz escapar a si mesmo<sup>68</sup>.

A partir da heterogeneidade discursiva, podemos compreender nos enunciados destacados o coro de vozes que atravessa a fala do cartunista. O ato de definir-se no âmbito da transgenericidade opõe-se a discursos sobre normatização de gêneros sob o

---

<sup>64</sup> RAGO. Entrevista (por Márcia Junges). O natural não é ser homem ou mulher.

<sup>65</sup> DE FRENTE COM GABI 12/02/12 - *Laerte Continho* – COMPLETO. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM&hd=1> Acessado em julho de 2014.

<sup>66</sup> ARÁN. *A Psicanálise e o dispositivo diferença sexual*, p. 653-673.

<sup>67</sup> TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise*: elementos para uma abordagem do discurso. Porto Alegre: EDIPUC RS, 2000.

<sup>68</sup> FOUCAULT. *História da Sexualidade I*, p. 78.

engendramento de comportamentos produzidos a partir do binômio masculino/feminino enquanto entidades distintas de valorações de gêneros. Dessa forma, é preciso levar em consideração o conceito de identidade de acordo com os estudos culturais e isso implica em reconhecer, conforme Silveira que “a construção da identidade implica afirmação e diferença”<sup>69</sup>. Assim, podemos afirmar aquilo que somos por oposição estabelecida com o que não somos, o que não quer dizer que os critérios sejam binários, mas reformuláveis e reconstituíveis. Em consonância a isso, Silva<sup>70</sup>, menciona que as afirmações de identidade não fariam sentido em um mundo imaginário totalmente homogêneo, em que as pessoas partilhassem a mesma identidade.

No caso das entrevistas mencionadas com um cartunista que serve de exemplo de construções subjetivas que subvertem generificações estanques socialmente aceitas e (re)produzidas a partir de uma norma excludente, podemos perceber que

[...] o ponto essencial a ser levado em consideração [...] o fato de se falar em sexo, quem fala, os lugares e pontos de vista de quem fala, as instituições que incitam a fazê-lo que armazenam e difundem o que ele diz, em suma, o ‘fato discursivo’ global, a colocação do sexo em discurso”<sup>71</sup>.

Desse modo, a colocação do sexo em discurso é um tema caro para Foucault, para quem a análise da sexualidade não deve basear-se na história das representações humanas, mas a partir da experiência da sexualidade, relacionada aos dispositivos de poder exercidos em rede, cujos dispositivos se deixam impregnar nos enunciados veiculados pela mídia, por exemplo, construindo uma ideia de sujeito.

Ainda sobre a sexualidade, podemos pensar a questão do governo de si e do governo dos outros. Em *A história da sexualidade: o uso dos prazeres*, a análise da experiência se coloca com vistas a perceber as práticas que levam os indivíduos a olhar para si mesmos, a se decifrar, autoconhecer e reconhecer a si como sujeitos do desejo, “[...] estabelecendo de si para consigo uma relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser”<sup>72</sup>. Para

---

<sup>69</sup> SILVEIRA, Ederson Luís; SCHNEIDER, Áquelle Miranda. O discurso e as (des)identificações: reflexões acerca do feminismo e as vozes de resistência na atualidade. *Rascunhos Culturais: Revista do curso de Letras*. Coxim, MS: Editora UFMS, v. 3, nº 6, 2012, p. 143- 164 jul/dez 2012, p. 148.

<sup>70</sup> SILVA. A produção social da identidade e da diferença.

<sup>71</sup> FOUCAULT. *História da Sexualidade I*, p. 18.

<sup>72</sup> FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da C. Albuquerque. 12ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 11.



o sujeito Laerte, os modos de manifestar socialmente as (des)identificações com os gêneros destoam da diferenciação essencialista que infere comportamentos a partir do sexo biológico do indivíduo.

Dessa forma, para além das fronteiras entre o masculino e o feminino, Laerte se descobre como sujeito de uma sexualidade que não se encaixa e que ainda assim, insiste em produzir efeitos em si e na coletividade. Por isso, a transgenericidade apresenta-se como não sendo, para ele, uma coisa “fugaz, da moda” já que constitui uma prática. A expiação de vestes associadas culturalmente ao masculino (roupas “de homem”) aponta para um exterior discursivo por trás do dito: Laerte situa-se em um espaço de transição entre o que era e a incógnita do entrelugar em que passou a se situar quando começou a experimentar roupas que culturalmente “destoavam” do sexo biológico.

O que chama atenção na entrevista é que o governo de si<sup>73</sup> aparece atravessando os discursos hegemônicos sobre sexualidade. Os enunciados lançam-se por vezes contra o ato de julgar o sexo, que parte, ora do interior do sujeito que (des)constrói sua identidade, ora no exterior do sujeito, situado nos ambientes das práticas de linguagem em que opera o panoptico da vigilância sobre os corpos e ocorre a insistência do engendramento de comportamentos dentro da norma heterossexual, conforme podemos perceber nas sequências abaixo:

**SD5: Laerte-** Essa recusa de não compreender a identidade de gênero me deixa muito irritado<sup>74</sup>. (Sobre terem pedido para que ele não usasse o banheiro feminino em uma pizzaria)

**SD6: Repórter-**Revolução dos homens?

**Laerte-** Sim, vocês estão em crise há muito tempo. A mulher pode sair de terno, de cueca numa boa. Elas já passaram por todos os movimentos, por tudo. Vocês, não. Não se libertaram. A crise em que vive o gênero masculino é muito grave. A (psicóloga) Christina Montenegro acabou de escrever um livro (Homem ainda não existe) explicando que os homens estão angustiados, em constante crise para se libertar da cultura binária, essa divisão do mundo entre homem e mulher. Quando você fala da

---

<sup>73</sup> FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*: curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora VMF Martins Fontes, 2010.

<sup>74</sup> DE FRENTE COM GABI 12/02/12 - *Laerte Coutinho* - COMPLETO. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM&hd=1> Acessado em julho de 2014.

mulher existe uma coletividade, uma identidade. O mesmo ocorre com o movimento gay, o movimento negro<sup>75</sup>.

De acordo com Foucault, “[...] não se trata simplesmente de julgar o sexo, mas de administrar suas formas de manifestação. O sexo deve ser assumido por discursos analíticos”<sup>76</sup>. Se olharmos para os modos como a sociedade encara a problemática da sexualidade e para os modos como os indivíduos (como podemos verificar a partir das sequências mencionadas acima) se situam em suas sexualidades enquanto práticas ou experiências, para usar um termo de Foucault, podemos perceber a administração de formas de manifestação da sexualidade que se operam em toda parte a partir dos dispositivos de poder. Dessa forma, de acordo com Navarro, “[...] a identidade do sujeito que confessa sua verdade sobre o sexo se constitui na interpretação que seus outros fazem da sua confissão”<sup>77</sup>.

Quando Laerte enuncia que fica irritado com a recusa na compreensão da identidade de gênero, é um sujeito social e histórico que, ao enunciar, revela-se situado no lugar de diversos sujeitos tornando-se sujeito ao enunciar daquele lugar específico, o que lhe possibilita dizeres e não outros (não nos é possível dizer tudo, a língua não é transparente nem apenas imagem, espelho do mundo, há sempre a incompletude fundante inscrita em cada gesto, em cada dizer). Assim, a divisão do mundo em binarismos pressupõe uma dicotomia fundante reguladora e, para que sejam problematizados os modos de discursivização e expressão de gênero que estão para além destas identidades, oriundas de entrelugares silenciados, torna-se necessário “desestruturalizar a estrutura” com que as identidades foram forjadas<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> STATUS. *Laerte Coutinho*: um dos cartunistas mais famosos do Brasil, ele virou travesti quase aos 60 anos de idade, ainda namora uma mulher e briga para ter o direito de usar o banheiro feminino. Disponível em: <http://www.revistastatus.com.br/tag/laerte-coutinho/> acessado em julho de 2014.

<sup>76</sup> FOUCAULT. *História da Sexualidade II*, p. 31.

<sup>77</sup> NAVARRO, Pedro. Por uma análise do discurso da sexualidade. In: NAVARRO, Pedro; POSSENTI, Sírio (orgs.). *Estudos do texto e do discurso: práticas discursivas na contemporaneidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 211.

<sup>78</sup> Sobre o pensamento da desconstrução e a crítica derridiana ao conceito de estrutura vigente no estruturalismo vide: DERRIDA, Jean Jacques. *A escritura e a diferença*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Cabe ressaltar, finalmente, que para o filósofo português Diogo Sardinha<sup>79</sup>, as contribuições de Foucault se revelam sobretudo na preocupação em revelar a importância de trabalhar não com o ato de educar aos outros, mas a si mesmo, com vistas à emancipação, para que se possa escolher a si mesmo e viver por si mesmo. De acordo com Sardinha, portanto, antes de ter uma relação com os outros é preciso estabelecer uma relação incessante consigo mesmo, para que sejam efetuadas escolhas sobre o governo de si. Trata-se do exercício da liberdade do sujeito, sem deixar de lado a discussão sobre as influências externas, como as implicações sociais de julgamento, a educação recebida, o papel que as pessoas esperam que você exerça. Apesar disso, diz Sardinha<sup>80</sup>, tem um espaço para que se possa decidir sobre o que quer ser, apesar das consequências que esse movimento possa implicar e pelo modo como as coisas estão postas na cultura que ainda percebe, muitas vezes, a hibridização do masculino/feminino enquanto patologização.

### **Na trilha das (in)conclusões**

No presente artigo objetivou-se trazer à tona reflexões que revelassem o estado atual dos estudos de gênero e os diálogos possíveis entre este campo de estudo e os estudos culturais. Para isso, escolhas se fizeram necessárias e, para que houvesse intersecções e aproximações entre as áreas mencionadas, os estudos foucaultianos foram de suma importância, sobretudo no que diz respeito às contribuições para análise de discursos sobre sexualidade a partir dos postulados sobre o governo de si e sobre os dispositivos de poder que engendram comportamentos.

Também aqui se tornou pertinente a definição foucaultiana de experiência, bem como a contribuição de seus estudos no que diz respeito à instauração de relações de cada sujeito consigo mesmo no governo de si. Torna-se necessário ressaltar também as consequências da discursivização de enunciados colocados em circulação na sociedade através da mídia ressaltando a importância de perceber o modo como comportamentos são

---

<sup>79</sup> SARDINHA, Diogo. O sentido profundo de Vigiar e Punir. In: A.F. Cascais, J.L. Câmara Leme, N. Nabais. (Org.). *Lei, segurança e disciplina: Trinta anos depois de Vigiar e Punir de Michel Foucault*. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2009, p. 111-127.

<sup>80</sup> SARDINHA, Diogo. Uma filosofia da emancipação. *Revista IHU* (edição online) n° 203, ano VI, 2006.

construídos a partir do estranhamento em relação ao outro, diferente de mim e da norma a ser seguida.

A questão dos dispositivos de poder que se exercem em rede e estão em todas as relações sociais nos levam a crer que, assim como para Foucault, para que sejam instauradas relações de poder há sempre situações de resistência para combater a opressão exercida sobre a subjetividade dos sujeitos. Sobre os sujeitos, podemos dizer que nos ancoramos na perspectiva pós-estruturalista, que o situa diferentemente do sujeito cartesiano, uno e consciente de si. A esta conceptualização de sujeito opomos outra, que utilizamos aqui como ancoragem de análise: um sujeito descentrado, que não tem o domínio dos sentidos produzidos pelo seu dizer, cujos enunciados deixam reverberar outros discursos que não somente aqueles que se intencionou produzir, cujo exterior fala através de seu corpo e de seus gestos, estando este em contínua (des)construção de subjetividade.

As proposições que aqui apresentamos levam-nos a salientar, por fim, que os pressupostos metodológicos aqui expostos poderão ser modificados, caso seja necessário, com o intuito de provocar outros questionamentos e aos objetivos estabelecidos para investigações futuras. Ademais, entendemos que a proposição metodológica de uma pesquisa não se constitui como algo estanque e acabado, mas sim como um processo que procura se adequar à natureza do objeto investigado e ao contexto da pesquisa. Nosso objetivo foi, portanto, o de provocar indagações e possibilitar questionamentos futuros.

Neste sentido, conhecer, pesquisar e escrever implica entender que qualquer verdade está sujeita ao que é possível conhecer num momento dado, a partir de determinada experiência e maturidade de estudos, sendo assim, provisória<sup>81</sup>. Nas palavras de Bauman<sup>82</sup>, vivemos sob uma fina camada de gelo; se parmos, o gelo se rompe. Se ele romper, nos afogamos. Continuemos em movimento, pois como afirmou Derrida, o fechamento não é somente indesejável, mas também impossível...

---

<sup>81</sup> LOURO. *Conhecer, escrever, pesquisar...*, p. 235-245.

<sup>82</sup> BAUMAN. *Modernidade Líquida*.